

The background is a high-contrast, black and white photograph of a building, possibly a school or institutional structure, with several windows. A bright yellow decorative element, resembling a stylized flower or a circular pattern, is positioned behind the word 'mesa'.

mesa
posta
no
Rossio



Viver a Cidade

Virgínia Fróis

Fazer nossa a Cidade

Viver será deslizar no tempo, nas referencias que as paisagens produzem em nós, ficções, imaginações.

No acto de percorrer os lugares estabelecem-se conexões entre o real e as nossas memórias.

Sentir o irregular das pedras que os nossos pés tacteiam com cuidado. Sobrepostas as pedras e os passos, o tempo e as vidas já vividas.

Parar muitas vezes e olhar, um espelho que nos devolve a densidade de existir, o aqui agora.

Ver.

Como é que a cidade move o nosso pensamento e propõe um transito do visível para o invisível?

O filosofo José Gil, falava a propósito do *Livro do desassossego* de Bernardo Soares (um outro) de uma névoa sobre as paisagens que nos permitem ver para além do real, como a nossa imagem num espelho nos permite aceder ao duplo que existe em nós.

Uma emoção breve, um pulo para o virtual.

Por um momento breve o passado e o futuro agora.

Emoções... um ver para além de. Por um momento uma visão interior. Pensamos com visões? *

(*) A partir da frase final *O artista pensa com visões*, proferida por José Gil Colóquio "O dia Triunfal de Fernando Pessoa" FCG, Março 2014

“Quando eu era pequeno, foram muitos muitos anos aí atrás desses muros aí à volta... era a feira do gado na parte debaixo, e a feira das outras coisas cá da parte de cima, pois.”

Rossio

Com origem no latim *residuus* (remanescente, resto), os *rossios* ou *ressios* começaram por designar, nas cidades portuguesas, locais baldios, não cultivados. Isso sucedeu em Montemor-o-Novo onde, ainda no século XVIII, se chamava *rossio de S. Pedro* à encosta da vila

entre a ermida de S. Pedro e a muralha, em cujos terrenos baldios era permitida a pastagem de gado. Na acepção mais comum, porém, os *Rossios* eram áreas, mais ou menos extensas e planas, situadas nas imediações dos aglomerados urbanos, utilizadas para usufruto colectivo.



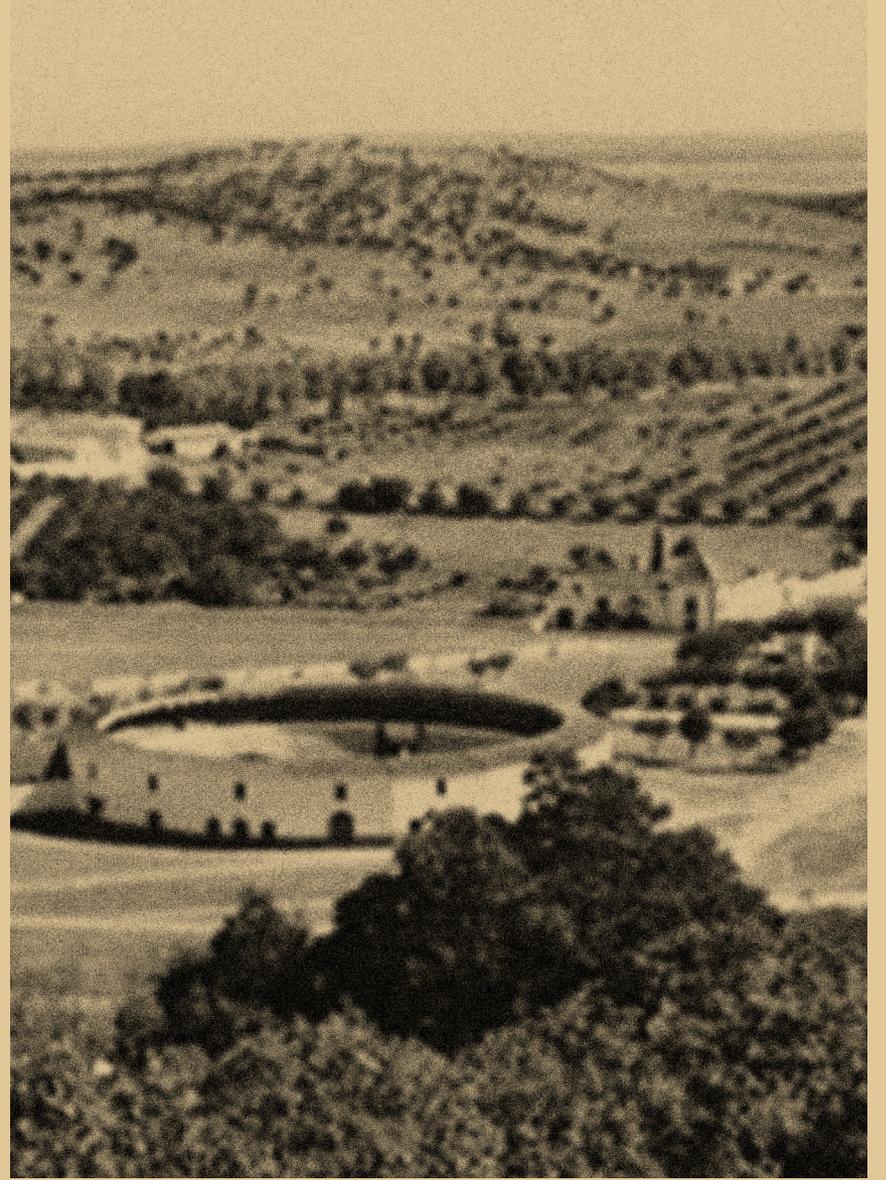
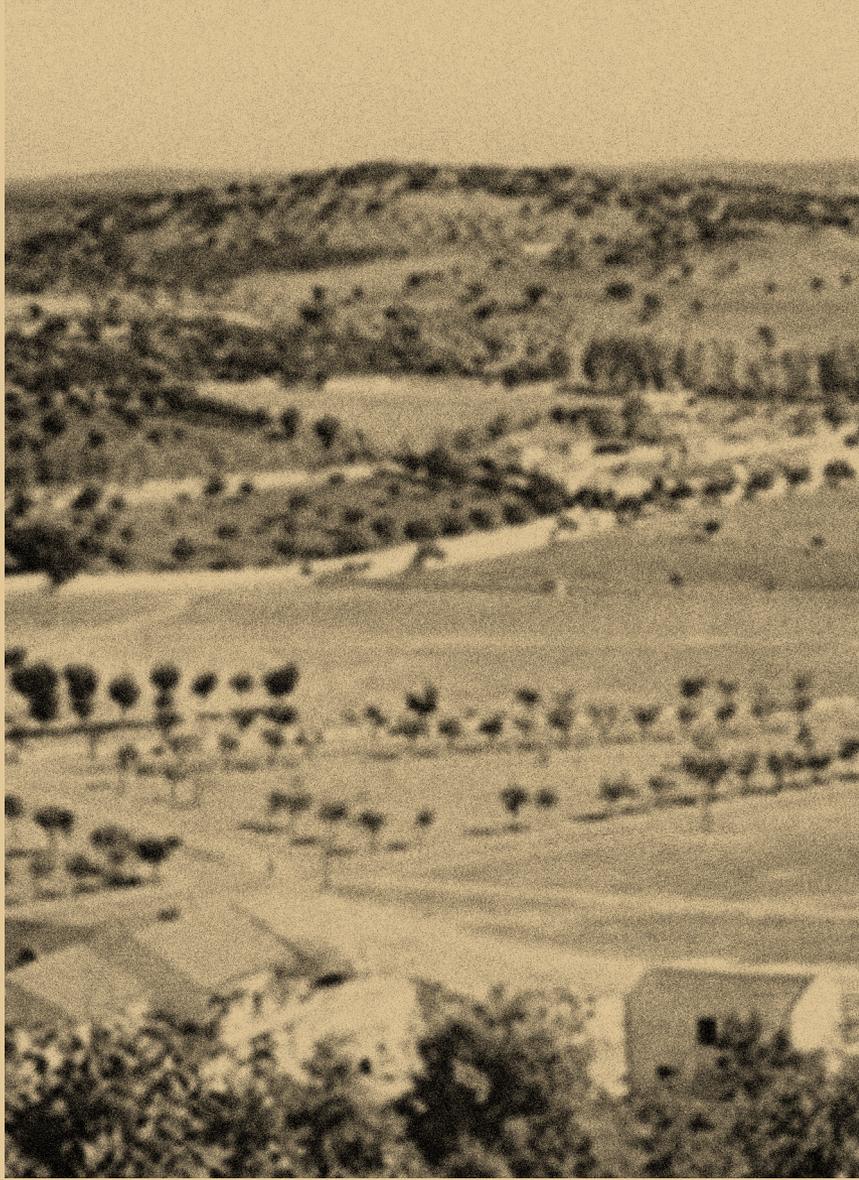
Planta da Vila de Montemor-o-Novo, 1827. Arquivo fotográfico

O Rossio de Montemor-o-Novo era uma área muito extensa compreendida, na direção Leste - Oeste, entre o convento dominicano de santo António e o começo da rua de Avis e, na direção Norte-Sul, entre a cerca do convento de S. Francisco e o lado Sul da atual Rua de D. Sancho I e terreiro das Portas do Sol. À sua volta foram construídas estalagens, local de repouso de viandantes e suas montadas. Havia também oficinas de ferreiros e ferradores. Em 1542 o rei autorizou que aí fosse feito um chafariz, para “nobrecimento da vila e proveito dos caminhantes”, onde também pudessem “beber as bestas”. Em 1674 a Câmara proibia que nesse chafariz fossem beber porcos, cabras e ovelhas, em prejuízo das cavalgadas, ou que aí se lançassem sujidades. Como forma de proteger o recinto, desde 1504 era impedido, por carta régia, abrirem-se nele covas para tirar barro destinado a adobes, que lá pastassem porcos ou se fizessem lixeiras. Outra utilização do Rossio era como local para se fazerem eiras para pão no tempo das ceifas, atividade que era objecto de proteção pelas autoridades locais. Em 1749 deve ter sido erguido o cruzeiro de pedra ainda existente atrás da igreja do Calvário, pois “a obra da cruz do Rossio” vem incluída entre as despesas da Câmara desse ano. Aí também se realizaram feiras, como a do 1º Domingo de Setembro, junto à ermida de N.ª. S.ª. Da

Luz, no século XVI, o Recolhimento do mesmo nome (atual Hospital), no século XVIII, as duas sociedades recreativas, a Praça de Touros e o Jardim Publico, no século XIX e, no século XX, o Cineteatro Curvo Semedo, a Escola Secundária, o Estádio Desportivo e um quarteirão com habitações.

Dada a grande dimensão deste recinto houve, por vezes, necessidade de particularizar determinadas zonas dentro dele. Uma é referida em 1811, o “sítio das bodegas”, onde José Pedro da Silva comprou duas moradas. Eram “na frontaria do Rossio, sitio das Bodegas, uma com frente para o Norte, que partem com rua dos Marmelos(...)”. Fica-se a saber que, na frontaria do Rossio correspondente à atual Praça da República, havia tabernas, para usufruto de habitantes e viandantes. Volta a ser mencionado em 1818, ano em que Vicente de Almeida e João Pinhão tinham casas “na rua de Avis entre o caminho que vai para o Rossio e para as bodegas desta mesma vila”. No século XIX surgem os topónimos Rossio de S. Domingos e Rossio do Calvário para designar, respectivamente, as partes oriental e ocidental deste vasto recinto.

FONSECA, Jorge (2000) “Toponímia e urbanismo de Montemor-o-Novo (séculos XV-XIX)”, Almansor, Revista de Cultura, numero 14: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, pág. 62,63.



“ Quando era aí feira agente puxava uma mesa para a rua, para a sombra da barraca... de verão! E comíamos e bebíamos e brincávamos na rua à sombra da barraca.”

“ Até mesmo excursões vinham para aqui comer. Traziam as comidas e juntavam-se aí nessas sombras.”

Sopa de Feijão com Batatas

½ litro de feijão manteiga
½ quilo de batata
1 cebola pequena
3 dentes de alho
½ dl de azeite
1 folha de louro
2 cravinhos
Uns ramos de coentros
Colorau
Pão Alentejano

O feijão põe-se de molho na véspera. No azeite, refogam-se os alhos e a cebola picados, o louro e o cravinho. Depois de refogado, junta-se o feijão, água, sal e colorau. Deixa-se ferver. Quando o feijão atingir meia cozedura, juntam-se as batatas cortadas às rodelas grossas e os coentros picados. Quando o feijão e as batatas estiverem cozidos, rectificam-se o sal e vertem-se numa terrina, sobre o pão cortado às fatias.
Serve-se.

Outras Sopas de Feijão

½ litro de feijão manteiga
1 couve
1 cebola pequena
3 dentes de alho
½ dl de azeite
1 folha de louro
2 cravinhos
Uns ramos de coentros
Colorau
Pão alentejano

Esta sopa é feita como a sopa de feijão com batatas. As batatas são substituídas por couve cortada em tiras de 1 cm de largura. O resto das operações são em tudo iguais às da receita anterior. Fazem-se, ainda, da mesma maneira:

com Repolho liso com Repolho lombardio com Alabaças com Arrabaças com Cardinhos com Espinafres com Acelgas

As alabaças, as arrabaças, os cardinhos e as acelgas, são ervas bravas. Na maioria aparecem no Inverno/Primavera, em tempo de crise de

trabalho. As arrabaças nascem nos ribeiros e só se comem os talos. As folhas devem ser ripadas. O mesmo acontece com os cardinhos. Mas cuidado com estes, pois têm muitos picos. E ao ripar podem aleijar as mãos. No entanto estes vendem-se aos molhos nos mercados, já devidamente ripados.

Sopa de Espargos

1 molho de espargos
1 cebola
3 dentes de alho
1 molho de salsa
1 folha de louro
1 ovo
1 dl de azeite ou 50g de banha
100g de linguiça
1 farinha
100g de toucinho
vinagre
Colorau
Pão Alentejano

Esta sopa pode ser de carne ou de azeite. Em ambos os casos, procede-se como na sopa de batata, substituindo esta por espargos cortados em pedaços de dois centímetros.

ALVES, Aníbal Falcato. *Os Comereres dos Ganhões, memória de outros sabores, Campo das Letras – Editores, S.A., 1994, pp 84, 85, 86, 93*

O Rossio era tudo isto.

Vitor Guita

Falar do Rossio de há meia dúzia de décadas é voltar a alinhar em rijas jogatanas de bola; é recordar passeios soalheiros ao longo da linha Maginot; é ter presente o local que foi palco de intensos conflitos laborais; é revisitar feiras, acampamentos ciganos, corridas de toiros.

Chegado o Verão, era tempo da rapaziada construir papagaios, de esperar pela brisa da tarde e, no recinto desafojado, testar os brinquedos feitos de cana, fio e papel multicolor. Se o rabo pesava ou as guias ficavam desacertadas, lá afocinhava o papagaio no meio do chão.

Durante anos, o Rossio foi o lugar eleito para a realização de feiras. Dos

três certames anuais, a Feira da Luz, em Setembro, era a mais concorrida. A ocasião passou a ser aproveitada por um grande número de montemorenses, ausentes da terra natal, para reverem a mítica torre do relógio e reencontrarem familiares e amigos.

Era também por essa altura do ano que proprietários e trabalhadores acertavam as contas do ano agrícola. Muitas vezes contas magras, mas eram contas. Com algum dinheiro fresco no bolso, os concertados vinham feirar os mais diversos artigos, muitos deles para o ano inteiro. Em dia de feira, quem descesse a Linha Maginot, por entre os vendedores de mantas, em breve desembocava



no recinto principal da festa. À esquerda, uma vasta área do Rossio, antes desnudo, cobria-se de barracas de quinquilharia, de diversões várias e, claro, dos inevitáveis comes e bebes. Lá ao fundo, os rebanhos aguardavam, conformados, o momento de trocarem de dono. À direita, como quem vai para S. domingos, montavam os seus estaminés os ourives, os correiros, os abegões, os chocalheiros, os negociantes de chapéus, de fato feito e de calçado.

Nas imediações da velha taberna do Alcácer, na zona alta do Rossio, desenrolava-se a chamada corredoura das bestas. Tratava-se de uma mostra /desfile, especialmente de gado muar.

De vez em quando, lá vinha, em passo apressado, uma parelha, um macho, uma mula velha, outras vezes um jumento, para que os negociantes/intermediários, muitos de etnia cigana, pusessem à prova, com truques ou sem truques, a boa forma física das cavalgadas e a aptidão para o trabalho. Depois, fazia-se o negócio ou talvez não. Há quem se lembre do palavreado que andava no ar: "Dá-me uma nota de vinte e arranjo-lhe comprador para a parelha Quanto é que me dá pelo burrinho?...Ai, mãe! Até parece que o animal tem sangue novo. Olha para ele!"

À noite, a festa ganhava outra luminosidade, outras cores. Para isso, muito

contribuía a luz, por vezes frouxa, das lâmpadas e também a dos petromax. O ruído que saía dos altifalantes era ensurdecedor: "Zuca-truca na bolinha, nova corrida, nova viagem ò freguês, vai um tirinho Circo Mariano, grátis às damas Ah! Meu povo, povo do meu coração, não leva uma nem duas nem três leva este conjunto completo" E era assim que, levados por estes e outros apelos, muitos regressavam a casa, felizes, estafados e empoeirados, envoltos em tachos e panelas, mantas e cobertores. Também os havia, às vezes, carregados de inutilidades.

Desde muito novos, habituámo-nos, tal como um grande número de montemorenses, a dar uma volta pela feira, ao domingo de manhã, para nos deixarmos surpreender pelas novidades trazidas pelos feirantes, visitarmos a feira do gado e deliciarmo-nos com o espectáculo contagiante, oferecido pelos vendedores da banha da cobra. Verdadeiros artistas! Apesar de não sermos grandes aficionados, costumávamos passar pela praça de touros, ainda de manhã, para assistir à entrada do gado bravo e a muita da azáfama que antecedia as touradas. Antes da primeira corrida de cada temporada, era necessário recolocar os taipais da trincheira, que tinham sido retirados no Inverno. Depois, sucedia-se um ritual mais ou menos idêntico: raspar as ervas da

arena; alisar com rodos e regar a terra; olear as portas dos curros com óleo queimado dos motores; preparar roldanas e calhas por onde deslizariam, como guilhotinas, as pesadas comportas de madeira. Havia ainda que varrer, de cabo a rabo, as bancadas, os camarotes, as galerias, as cavaliças e tudo o resto. Se fosse preciso, perdia-se a noite. Júlio Caçador, o guarda da praça, chegava a recrutar a família inteira. Tudo tinha de estar pronto na manhã de cada corrida, a fim de se proceder ao sorteio dos touros.

Depois de sorteados, os poderosos cornúpetos eram embolados pelas mãos experientes do Martinho Miguéns e distribuídos pelos vários curros, à espera que chegasse a sua vez de entrar em praça. São imagens, cheiros e ruídos difíceis de apagar: o olhar de revés e os cornos aguçados dos animais apontados aos mirones que os observavam de cima do passadiço de madeira; o raspar inconformado das patas; o mugido forte e prolongado; as assopradas, que chegavam para nos amedrontar. Sentia-se também no ar o cheiro a bosta e, de vez em quando, ouvia-se o estrépito das cornadas e o estrondo das comportas.

No fim de cada corrida, repetiam-se mais umas quantas operações até que os touros voltassem a entrar nas jaulas para serem conduzidos ao



matadouro, mesmo ali ao lado. Tempos houve em que os animais eram metidos em mangas até ao interior da praça e, depois de lidados, levados à corda directamente para o matadouro do Rossio, sob os acenos e os olés da população.

Mas a praça de touros não se restringia apenas aos espectáculos taurinos. Houve uma época em que, nos meses de Verão, o amplo tauródromo se transformava num cinema ao ar livre onde passavam muitas das fitas que arrastavam multidões. Era o caso dos populares filmes portugueses ou do Tarzan & C^a.

Não é possível, em tão curto espaço, rebobinar o filme que nos vai na cabeça acerca do Rossio. Por mais que se escreva, o retrato ficará sempre incompleto. Vamos apenas dar um salto até junto do cine-teatro em obras ou à espera delas. Ali por perto, nas traseiras do Calvário, costumava assentar arraiais o Tio António da Louça. De Maio a Setembro, era ali que o velho louceiro montava o seu negócio a céu aberto: fogareiros, alguidares, tigelas de fogo, assadeiras, painéis de barro O urinol público, mesmo ali ao lado, não parecia incomodá-lo. O Tio António ali negociava, ali comia e, muitas vezes, ali dormia.

Também entre a igreja e o cine-teatro costumava ser reservado lugar cativo

para os feirantes algarvios, que, sobretudo em Setembro, vinham vender amêndoas, figos secos, alcofas, vassouras, abanos e outros artigos de palma.

Rodando o olhar para as bandas de S. Francisco, o Rossio fazia fronteira com o campo da bola e também com a balança municipal onde se pesava o gado. Do outro lado, antes de começar a longa carreira de plátanos, situava-se a conhecida oficina do Segeiro, pejada de carroças em construção, de pilhas de madeira, de grandes aros de ferro e outra ferraria.

Em jeito de fim de festa, vem-nos à lembrança o desmontar das tendas, a debandada dos feirantes para outras terras e, no cenário já quase deserto, viam-se grupos de rapaziada que se dedicavam a procurar as moedas deixadas, meio enterradas, na poeira do Rossio.

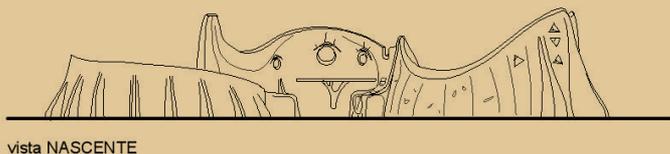
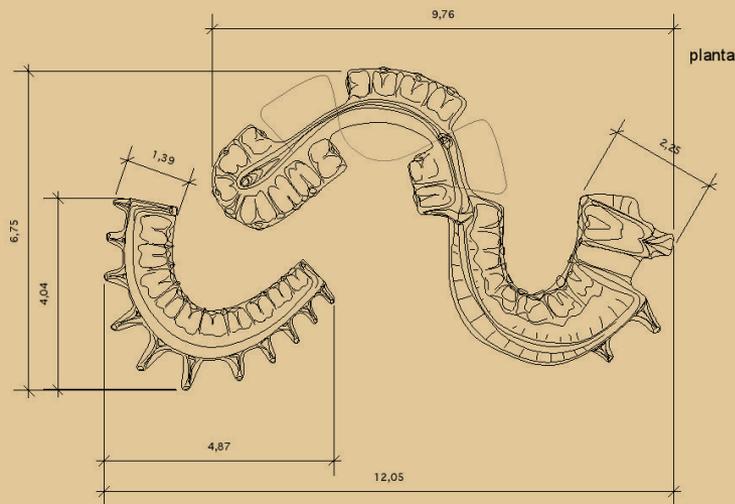
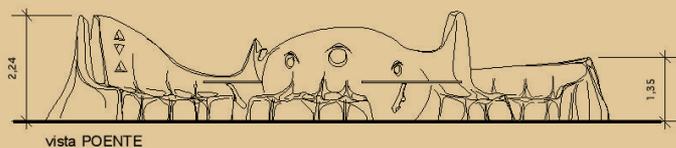
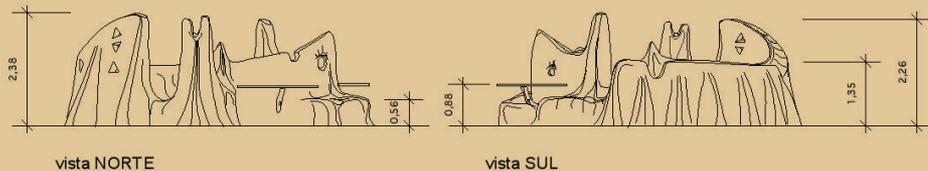
O Rossio era tudo isto. Era muito mais do que isto.

“Faziam-se grandes largadas de touros aqui assim. Depois agente punha-se em cima daquele muro que era a linha “Maginó”. Linha “Maginó”, ainda hoje se chama (...) e daquele lado era a feira, muitos anos foi a feira daquele lado onde é as escolas e aqui eram as brincadeiras aí dos touros”

“Lembro-me que todas as quintas-feiras e domingos de verão havia cinema na praça de touros... Era ao ar livre e agora já não se usa isso né? Mas nesse tempo era assim (...) mil novecentos e..... cinquenta e sessenta... Assim nesses anos ainda faziam isso.”



Praça de Touros e Rossio 1982. Arquivo fotográfico



“Abancódromo”

o projecto de autoria colectiva de Ana Magalhães, Nuno Grenha e Tiago Fróis foi apresentado pelas Oficinas do Convento - Associação Cultural de Arte e Comunicação no âmbito da Requalificação Urbana da Área do Rossio em Montemor-o-Novo. Tratava-se da criação no Rossio de um lugar habitável, lúdico e útil, destinado ao lazer que convidasse a conviver, estudar e brincar. Era notória a aridez do lugar destituído de qualquer sentimento de pertença e por isso de respeito. Era um espaço carente de vivência pela comunidade com uma história nostálgica para uns e vazia para outros.

A criação de espaços acolhedores com referencias culturais diversas é enriquecedor na formação do indivíduo, despertando interesses e curiosidades que pode preencher a nível cultural e tecnológico. Não se sente necessidade daquilo que não se conhece.

O Abancódromo, com dimensões de implantação de aproximadamente 12x7m e uma altura variável entre 1m e 2m, é constituído por duas peças distintas: uma longa em forma de crista, rompe o território como uma serpentina, a outra curta e enconchada, abraça a primeira. Agarradas ao terreno, conferem-lhe dimensão vertical. Sinalizam o ponto de encontro, a sua distinção e permeabilidade, reforçam a polivalência de relações sociais. O carácter do espaço é o que cada um sente ao viver esta estrutura, que vai assumir as imagens do imaginário de cada um apelando à reflexão sobre a nossa cultura.

Aplicando técnicas construtivas baseadas nas tradicionais, a construção foi pública e organizada em seis fases correspondendo aos trabalhos de fundação, estrutura, revestimento, acabamento, equipamento e arranjo da envolvente. O processo permitiu aos transeuntes e curiosos um contacto directo com a matéria e com técnicas de construção pouco divulgadas num processo didáctico para qualquer indivíduo.

“Meu Montemor”

Fado

Letra:

Lopes Victor

Música:

prof. Martinho da Assunção

Reportório:

Victória Maria

Cantado por:

António José Cornacho

I

Do alto de Montemor,
Deste castelo sem par,
Vejo em baixo o Almansor,
Correndo triste, pró mar.
E mais além, as casinhas,
Que dos lírios têm cor,
Parece que são pombinhas,
Dum pombal - que é Montemor

(estribilho)

Meu Montemor,
Meu rei dos montes,
Cantado, eu canto,
Teu cantar das fontes.
Quando as searas
Estão verdejantes
As verdes ondas
Lembram mares distantes.
Meu Montemor,
Ó terra querida
Terra onde Deus,
Me quis dar vida;
Meu Montemor,
Meu doce berço,
Por ti eu rezo,
E rezarei, sempre o meu terço.

II

Ao longe, na solidão,
Em prece a Deus erguidas,
Conceição, Visitação,
Santas, guardam nossas vidas,
Por elas, a minha voz,
Canta hosanas, pede aos céus,
P'ra que S. João de Deus,
Pela a deus, por todos nós.

“Vinham passear para aqui à noite...

À noite passeava-se muito aqui no rossio”

Mesa Posta, nº 1 ✕ ✕ ✕ ✕ ✕
1ª edição ✕ 200 exemplares ✕ ✕
edição e recolha de conteúdos ✕ ✕ ✕ ✕
Oficinas do Convento ✕ ✕ ✕ ✕
curadoria Nuno Grenha ✕ ✕ ✕ ✕
edição gráfica Miguel Rocha ✕ ✕
✕ ✕ ✕ neste número colaboraram:
Jorge Fonseca ✕ Jorge Filipe ✕
Nélia Martins ✕ Pedro Grenha ✕
✕ Virgínia Fróis ✕ Vítor Guita ✕
Arquivo Fotográfico MMN ✕ ✕ ✕

2014 - Município de Montemor-o-
Novo e Oficinas do Convento ✕ ✕
impressão Oficina de Impressão
- Oficinas do Convento e CMMN

Oficinas do Convento - associação
cultural de arte e comunicação
Carreira de S. Francisco, Convento de S.
Francisco 7050-160 Montemor-o-Novo
oc@oficinasdoconvento.com ✕ ✕
www.oficinasdoconvento.com ✕ ✕
viveracidade.oficinasdoconvento.com



Vista parcial Montemor-o-Novo, 1998. Arquivo fotográfico



viveracidade
arquitetura, design, ordenamento, património e proximidade

Iniciativa



PRO
JET
OIM

estrutura financiada por



deARTES
MUSEU NACIONAL
DAS ARTES

em co-produção com



enquadrado na



Mesa Posta Nas zonas rurais de Montemor-o-Novo, quando chegava à época do Carnaval, as pessoas punham a mesa. Por a mesa significava encher uma mesa em casa com comida e bebida, e durante os dias de Carnaval, por vezes a semana inteira, ter a porta aberta para receber os visitantes. As pessoas andavam de aglomerado em aglomerado, de monte em monte, visitando assim velhos amigos ou familiares, conhecendo novas pessoas, sempre em volta de mesas postas, ao sabor de enchidos, doces, pratos tradicionais, vinhos e licores locais. Os acordeões e as gaitas eram comuns, acompanhando as danças, as conversas, os reencontros, e o caminhar. Era o momento do ano em que as pessoas se davam tempo para se visitar, se rever, se descontraír, com a primavera à porta, e o inverno duro a chegar ao fim. Com as transformações que o mundo rural sofreu, com a perda de população e alterações nas atividades agrícolas, este hábito foi caindo em desuso, e hoje em dia já não se faz. Sendo uma prática em relação à qual há bastantes memórias, e havendo um grande carinho daqueles que viveram as mesas postas, faz sentido procurar novos significados e contextos para o dar, oferecer a mesa e celebrar.